

Trauma e melancolia

Tereza Pinheiro

A teoria do trauma permite compreender e talvez ajudar certos pacientes considerados “limites”, mas na verdade melancólicos, porque nela se explicita com clareza a metapsicologia do trauma.

No dia 6 de maio de 1931, quando da comemoração dos 75 anos de Freud, Ferenczi proferiu, na Associação Psicanalítica de Viena, a conferência “Análise de criança com os adultos”, onde encontramos a seguinte confissão:

“É a contragosto que abandono os casos os mais coriáceos e me tornei um especialista em casos difíceis, com os quais agora me ocupo há muitos, muitos anos. Fórmulas como “a resistência do paciente é insuperável”, ou “o narcisismo não permite aprofundar mais esse caso”, ou mesmo a resignação fatalista à chamada estagnação de um caso, tornaram-se para mim inadmissíveis. Penso que, enquanto o paciente continua a comparecer, o fio da esperança não está rompido. Precisei então incessantemente fazer a pergunta: será que a causa do fracasso é sempre a resistência do paciente? Não seria antes nosso próprio conforto que se recusa a adaptar-se às particularidades da pessoa, no plano do método?”⁽¹⁾

A escolha da citação acima deu-se por várias razões. A primeira delas diz respeito à própria confissão do autor

sobre a peculiaridade de sua clínica, que ele mesmo classificou como sendo de casos particularmente difíceis. Talvez o perfil de seus analisandos o tenha levado a não deixar nunca de se colocar perguntas também não menos difíceis. Assim, ele rejeita a explicação simplista da época, que pretendia, com o conceito de resistência do analisando, dar todas as respostas para as dificuldades ou fracassos do processo psicanalítico. Ao deslocar a pergunta para o conforto do analista e o método psicanalítico, Ferenczi dá um passo ousado, exercita a própria especificidade da psicanálise que se faz e se dá na interligação, e, por que não dizer, na interlocução entre a teoria e a prática clínica.

Ferenczi foi um teórico da clínica psicanalítica; seus pacientes assim o impuseram. Criou teorias sobre a técnica, criticou a si próprio com veemência, mas não desistiu. Procurou até o fim resolver as questões que os

impasses clínicos lhe apontavam. Pagou um preço alto por tais ousadias, o que nos permite, hoje, não nos aventurarmos mais nos terrenos por ele percorridos. Sem dúvida porque ele já o fez. Ferenczi “pagou para ver” diante das dificuldades de sua clínica, e por isso “pagou o pato”. Comodamente, neste final de século, podemos chamá-lo de ingênuo. Mas não só de ingenuidade ele nos preveniu. De cada uma de suas propostas técnicas algo ficou, e permanece como fundamental para o exercício atual da clínica psicanalítica. E sabemos também que a Psicanálise só fará progressos se os psicanalistas não recuarem diante do trabalho com pacientes psicóticos, os ditos casos limites, as patologias narcísicas, os grandes somatizadores, etc.

A segunda razão que me conduziu à escolha da citação diz respeito ao fato de que, em paralelo às teorias sobre a técnica, Ferenczi construiu uma teoria do trauma que percorre toda a sua obra, mas que ganhou um contorno mais definido somente nos últimos anos de sua vida. Assim, podemos dizer que os pacientes, ou, como ele os chamava, os “casos difíceis de Ferenczi”, o obrigaram a produzir tanto uma teoria metapsicológica do trauma quanto teorias sobre a clínica, buscando uma inteligibilidade para a patologia do trauma e sua possibilidade de condições do tratamento clínico.

Nos últimos anos, um fato me intriga na minha clínica particular: a procura de análise por pessoas de uma determinada faixa etária, que, mesmo considerando a singularidade de suas histórias e demandas, apresentam no entanto um quadro clínico onde é possível estabelecer certas semelhanças. As características marcantes entre elas levariam normalmente a pensar em descrições que sempre me pareceram vagas, evasivas, pouco consistentes na argumentação teórica, tais como casos-limite, falso self, personalidades narcísicas, etc.

Esses pacientes chegaram ao consultório levados por uma enorme angústia, que os tinha assaltado sem que soubessem por que, ou sob fortes depressões. Chamava-me a atenção, ao escutá-los, a total ausência da dimensão do futuro. Como se a possibilidade de se projetarem no futuro lhes fosse impossível. A vida era marcada minuto a minuto, pois do passado também nada se lembravam, assim como não se lembravam dos sonhos, não tinham fantasias nem faziam lapsos. São pacientes que nos deixam na situação incômoda de termos a sensação de que o instrumental de que a psicanálise

Descrições como
'falso self' sempre
me pareceram
vagas, evasivas,
pouco consistentes.

dispõe não lhes serve, não lhes cabe. A questão corporal ganha neles relevo e dimensão: é em geral algo que chama a atenção pela sua aparente inexistência, e ao mesmo tempo é o objeto de todas as suas queixas. Há neles uma total estranheza com relação ao próprio corpo, como se esse corpo não lhes pertencesse, ao mesmo tempo em que é somente ele que permanece, como única prova que possuem da própria existência.

Dotados de extrema inteligência e lucidez quase absurda, esses pacientes são geralmente portadores de um código moral bastante rígido,

que não só servirá para instrumentar a crítica mordaz que dirigem aos outros, mas também e sobretudo para si próprios. Há neles uma preocupação permanente com a noção de ridículo, tanto no que se refere ao ser ridículo quanto ao próprio ridículo da vida. Assim a questão da morte não é somente teorizada, vista sob o ângulo da questão existencial, ou como metáfora, mas no seu aspecto mais cru e brutal. A morte faz parte do cardápio deles tanto quanto o feijão com arroz.

Conversando com alguns colegas, constatei que não se tratava de um fenômeno isolado da minha clínica particular, mas de algo bem mais corriqueiro. A questão me intrigou enormemente.

Entre 1980 e 1982 trabalhei num serviço público de atendimento psicoterápico infantil, voltado para a população de baixa renda do Rio de Janeiro. Nessa época, o serviço recebia crianças autistas, psicóticas, ou crianças cujo amadurecimento precoce me levava a questões muito semelhantes às descritas acima. Lembro-me que a justificativa que encontrei então, para esses últimos casos, passava pela questão econômica: a precariedade das condições de vida a que essa população é submetida parecia me fornecer argumentos bastante convincentes.

As crianças desse serviço e os pacientes adultos de hoje me levam a pensar, atualmente, que a questão metapsicológica que esta problemática aponta nada tem de específica de uma determinada classe social. Se especificidade há, ela é nacional e permeia as diferentes camadas sociais. Estou convencida de que se trata de um fenômeno brasileiro. Sem dúvida teríamos uma série de hipóteses a levantar: desde o estado de abandono e carência a que é submetida a população mais pobre do país, onde o modelo econômico de migração para as capitais provocou o esfacelamento da malha familiar e gerou o fenômeno do menor abandonado, que

nem os países mais pobres da África têm, até a questões outras trazidas pelos pacientes adultos de classe média e alta, que, pela faixa etária, nos levam a considerar aspectos que vão desde a vulgarização da psicologia e da psicanálise que invadiu as escolas e famílias ao fato de que se trata de uma geração que viveu sob o regime militar do nascimento até a vida adulta. Estas hipóteses, mesmo que não sejam descartáveis, ainda estão sob o puro signo especulativo, e exigiriam uma possibilidade de articulação interdisciplinar que estou longe de me julgar capaz de fazer. Penso que seria mais proveitoso se pudéssemos compreender melhor a metapsicologia desses pacientes. É neste sentido que procurei em Ferenczi e Freud alguma pista que me satisfizesse, articulando a teoria do trauma ferencziano e a metapsicologia freudiana da melancolia. Minha hipótese é que aquilo que foi chamado de caso-limite, falso self, personalidade narcísica de forma vaga, ganha consistência na proposta metapsicológica da melancolia, e que esta última ganha maior explicitação na teoria do trauma. Para expor esta articulação, farei primeiro uma apresentação bastante resumida da teoria do trauma em Ferenczi, pois uma análise mais aprofundada pode ser encontrada seja na obra do autor seja em outros trabalhos ⁽²⁾; em seguida, discutirei a abordagem freudiana da melancolia e suas convergências com a teoria do trauma; e, por fim, trarei para a discussão o texto sobre melancolia de C. Soler.

A teoria do trauma em Ferenczi

O desenho final da teoria do trauma na obra de Ferenczi encontra-se traçado sobretudo nos últimos textos de sua obra ⁽³⁾. Para apresentá-la, Ferenczi constrói um mito que terá por eixo a violência sexual de um adulto sobre uma criança. A história seria aproximadamente a seguinte:

uma criança procura seduzir um adulto numa linguagem lúdica (que Ferenczi designa como linguagem da ternura). Ternura é aqui entendida não como ausência de sexualidade, mas como anterior à sexualidade sob o primado do genital. O adulto, por sua vez, não reconhece a linguagem da ternura da criança, e a toma como um igual, ou seja, toma a linguagem da ternura como sendo uma sedução da ordem do genital, gerando assim uma confusão de linguas. A violência sexual em si não aparece aqui como fator traumático, mas como prova real do evento que tem como

Ferenczi constrói
um mito que tem
por eixo a violência
sexual do adulto
sobre a criança.

conseqüência a identificação com o agressor. Esta identificação, segundo Ferenczi, seria produto não da violência praticada, mas do fato de que o adulto agressor sentiria culpa logo após praticar a violência; este sentimento de culpa seria incompreensível para a criança. Seria por conta do enigma da culpa que a identificação com o agressor teria lugar. A historinha contada por Ferenczi continua: a criança iria então à procura de um outro adulto que pudesse dar sentido ao que não fez sentido. Este adulto, por sua vez, não suportando o relato da criança, a

desmente, exigindo de maneira radical e unívoca que o escutado não passe de uma fabulação infantil.

A marca registrada da teoria do trauma ferencziano, no meu entender, assim como a sua originalidade, é atribuir ao desmentido toda a responsabilidade do trauma. O desmentido é aquilo que impede o percurso do processo de introjeção, conceito postulado por Ferenczi em 1909 e que segundo ele é a única coisa que a libido sabe fazer ⁽⁴⁾.

O desmentido inviabiliza a inscrição psíquica de todo o evento traumático, restando somente uma lembrança sensorial marcada no corpo, como a memória de um computador sem o soft que a formatou. Trata-se de uma marcação inacessível, porém existente. É de Ferenczi a frase: “toda vez que o psíquico falha o corpo começa a pensar”. Assim, na falha da conclusão do processo de introjeção, o corpo registra o que o psíquico não pode registrar.

A metapsicologia

Em 1917 ⁽⁵⁾, Freud apresenta a melancolia em comparação com o luto. Sua proposta é de estabelecer a metapsicologia da melancolia em contraponto à do luto. Nela encontramos questões bastante inovadoras no pensamento freudiano. A primeira delas diz respeito ao conceito de identificação melancólica.

O conceito de identificação na obra freudiana está longe de ter a precisão exigida, ou seja, possibilitar, ao nos depararmos com o conceito, delimitá-lo, tornando-o o mais unívoco possível (proposta de todo teórico no manejo dos conceitos). Ao contrário, o termo *identificação* foi empregado por Freud nas acepções mais diversas, e pior, obedecendo às metapsicologias mais díspares. Inegavelmente o conceito de identificação melancólica é a prova mais cabal desta imprecisão conceitual.

Até 1917, podemos dizer que o

conceito de identificação parecia definir o próprio modo de funcionamento libidinal do aparato psíquico, seja quando referido à produção fantasmática da histérica, seja na concepção de identificação atrelada à transferência, ou ainda na identificação apontada na interpretação dos sonhos ou no chiste. O que parecia evidente, então, era que o conceito de identificação constituía-se como a própria explicitação do modo de funcionamento do aparato, obedecendo à norma principal do narcisismo, de tornar semelhantes as diferenças. Assim, as inscrições psíquicas teriam por possibilidade a circulação libidinal sob a égide do princípio do prazer, regida pelo narcisismo, do qual o processo de identificação é a própria condição.

A identificação melancólica, ao contrário da identificação histérica ou da constituição da subjetividade feita por traços obsessivos, é, segundo as palavras de Freud, a sombra do objeto que caiu sobre o ego. Neste caso, portanto, é como se a identificação trouxesse o objeto *in toto*, em bloco. Na ausência da dialética identificatória feita por traços, o objeto torna-se por assim dizer um posseiro que ocupa o espaço egóico, num projeto mimético ou metonímico levado ao extremo. Como se a identificação perdesse a própria possibilidade de se apropriar do objeto subjetivamente, e só pudesse fazê-lo objetivamente.

O pressuposto de Freud é que a identificação melancólica tem por origem a perda do objeto; essa perda não é localizável como no luto, onde ela é datada, falada e explícita. A idéia de objeto perdido na melancolia faz pensar em *Alice através do espelho*, quando Alice, após ler o poema "Jabberwocky", conclui que "alguém matou alguma coisa" como a única idéia clara que extraiu do texto⁽⁶⁾. Na melancolia, algo foi perdido; o que é, não se sabe, mas de uma coisa pode-se ter certeza: foi perdida a própria possibilidade da subjetividade se consti-

tuir dialeticamente.

Se algo foi perdido na melancolia, entretanto tudo parece estar nos devidos lugares. Aparentemente há uma constituição do aparato egóico, enquanto na psicose, em geral, é fácil verificar a sua inadequação. O melancólico parece ter um superego que Freud chamou inclusive de cruel. Se o futuro está ausente, há no entanto um encadeamento lógico, no seu discurso, para essa ausência. É que o melancólico, ao contrário do neurótico, parece siderado pela castração. Diante dela ele não recua, mas ao contrário a olha de frente sem aparentar qualquer receio. Despro-

Na melancolia,
o objeto torna-se um
posseiro que ocupa o
espaço egóico de
modo completo.

vido da capacidade de se iludir, o melancólico se agarra ao ridículo da vida, não para rir dela e de si próprio, mas para acusá-la e acusar-se.

O segundo aspecto a ser ressaltado na metapsicologia da melancolia diz respeito ao conceito de clivagem. Esta é assim descrita por Freud:

"Vemos como nele (no melancólico) uma parte do ego se opõe à outra, tem sobre ela uma apreciação crítica, a toma, por assim dizer, como objeto. Suspeitamos que a instância crítica, que aqui é separada do ego por clivagem, poderia em outras circunstâncias igualmente demonstrar

sua autonomia, e todas as nossas observações posteriores confirmarão essa suposição"⁽⁷⁾.

A clivagem melancólica portanto separa de maneira radical, em dois, o campo egóico, um deles tomando o outro com a estranheza de um objeto. Trata-se de uma divisão onde as partes se ignoram, não se comunicam, nada trocam entre si, não se influenciam, não são capazes de se afetar uma à outra. A identificação melancólica é descrita por Freud em "Luto e melancolia" como análoga às primeiras identificações narcísicas. A questão é retomada por ele em 1923, no texto "O ego e o id", sem qualquer alteração. Neste último texto Freud é mais explícito: não só essas identificações serão responsáveis pela formação do caráter, mas sobretudo serão a matéria prima do superego.

Neste momento da segunda tópica da obra freudiana, a mudança temática colocará em primeiro plano o conceito de ego, que, de alguma maneira, tinha sido posto entre parênteses na primeira tópica, com o texto "Sobre o narcisismo". O ego da segunda tópica inclui tanto o sistema inconsciente quanto o sistema pré-consciente/consciente. Era preciso dar um estatuto metapsicológico consistente ao narcisismo.

A idéia de Freud consiste em ver nas primeiras identificações, que compõem o ego ideal, a origem do superego. Essas identificações seriam, portanto, feitas no modelo da oralidade, análogas ao princípio canibal do totemismo.

Ora, que o ego ideal (onde o superego teria sua origem) pertença ao sistema inconsciente é não só óbvio, como necessário metapsicologicamente. Mas algo parece intrigante nessa analogia proposta por Freud entre a identificação narcísica e a identificação melancólica. Estaria ele colocando no mesmo plano a representação-coisa e o objeto perdido da melancolia? Tudo indica que sim, o que não deixa de ser problemático.

Sem dúvida a questão se complica ainda mais, ao percebermos que Freud entende a identificação do melancólico como tendo a ver com o que ele chamou de superego cruel.

O primeiro problema que aí se coloca, no meu entender, é que na melancolia esse superego pretende ser consciente. Se nada se sabe no que concerne àquilo que foi perdido, a crítica cruel, a ausência de auto-estima e a auto-acusação do melancólico nada têm de inconsciente, pelo contrário. É claro que o texto do melancólico sobre si próprio leva a pensar na consciência moral, mas o próprio Freud nos alerta de maneira categórica: esse texto se dirige, na verdade, ao objeto perdido que precisou ser mantido idealizado. É possível pensar na identificação do melancólico como produtora de um superego?

Freud e Ferenczi

Se tomarmos a teoria do trauma ferencziano sob a ótica da metapsicologia da melancolia freudiana, podemos dizer que a identificação com o agressor em nada difere da descrição da identificação melancólica. Através da análise de M. Torok⁽⁸⁾, é possível estabelecer a diferença metapsicológica entre a identificação melancólica ou com o agressor e as outras identificações. Seu argumento principal utiliza o conceito de introjeção. Torok toma este conceito tal qual ele foi formulado por Ferenczi em 1909, ou seja, como processo psíquico, como sendo o próprio modo de funcionamento da libido, enquanto a identificação melancólica ou com o agressor seria produto de um mecanismo de defesa quando a introjeção não pôde ser realizada. Diante da diferença metapsicológica dos dois mecanismos, Torok propõe chamar a identificação melancólica de incorporação, em contraposição à introjeção.

A identificação com o agressor também será tomada por Ferenczi

como estabelecendo uma clivagem onde as partes não se comunicam por diferença de linguagem. A parte identificada com o agressor detém a linguagem da paixão, e a outra parte, ignorada, detém a linguagem da ternura. Se alguma alusão é feita por Ferenczi quanto ao agressor ser representante do superego, há, no entanto, uma total inversão na proposta metapsicológica de Freud no que tange à identificação narcísica.

Na metapsicologia do trauma, o que foi colocado no limbo foi justamente o ego da ternura; é ele que perdeu a vez e a voz.

É portanto incompatível, na teo-

A identificação
com o agressor,
descrita por Ferenczi,
em nada difere
da identificação
melancólica.

ria do trauma, pensar as primeiras identificações como correlatas à identificação com o agressor. Também torna-se mais evidente, nesta abordagem de Ferenczi, a fragilidade narcísica do traumatizado. Pois, na teoria do trauma, é a própria organização da couraça narcísica que se vê desmantelada com a identificação com o agressor.

Ferenczi vê no desmentido a condição necessária para a metapsicologia do trauma. O desmentido impediria a inscrição psíquica, ou seja, que o processo de introjeção (condição de constituição da subjetivida-

de) seja realizado, gerando com isso tanto uma marcação no corpo quanto o mecanismo de defesa da identificação com o agressor.

A questão do que chamei de side-ração do melancólico diante da castração não encontra, no entanto, qualquer subsídio nem na metapsicologia do trauma de Ferenczi (salvo se pudermos aprofundar o que se chamou de progressão traumática ou sabedoria do traumatizado), nem na formulação de Freud sobre a melancolia. Na obra de Freud, convém lembrar que talvez a construção da metapsicologia do fator surpresa, por ele considerado como traumático em "Além do princípio do prazer", nos dê subsídios complementares. Penso, no entanto, que a argumentação de C. Soler sobre a melancolia é bastante esclarecedora a esse respeito.

A melancolia e a castração

A proposta de C. Soler no seu texto "Pérdida y culpa en la melancolia"⁽⁹⁾ é extremamente rica sob vários aspectos, mas o principal deles é tomar como eixo a forclusão (conceito postulado por Lacan que visa dar inteligibilidade à metapsicologia das psicoses). Este mecanismo, resumido de maneira bastante simplista, seria a recusa da inscrição da castração. Não se trata, portanto, de uma não-inscrição qualquer, mas especificamente da ausência da inscrição estruturante da castração. C. Soler tomará a questão do melancólico como se desencadeando não só pelo encontro de um pai, mas pelo encontro com a perda. Esta perda, segundo a autora, está para além do *sentimento* de perda: é da ordem de fenômenos de mortificações *reais*.

Recentemente, o famoso escritor William Styron publicou um livro autobiográfico sobre a depressão melancólica, que é um dos relatos mais precisos sobre o assunto:

"Normalmente, no entanto, dolo-

rosamente voltadas para o interior, as vítimas da depressão tornam-se perigosas para elas mesmas. De um modo geral, a loucura da depressão é a antítese da violência. É uma tempestade, sem dúvida, mas uma tempestade de sombras (...) Na verdade, essas fantasias terríveis (sobre a morte) que provocam arrepios nas pessoas sãs, para a mente deprimida são como os sonhos lascivos das pessoas sexualmente saudáveis (...) a aguda sensação de perda está ligada à certeza de que a vida foge de nós a grande velocidade” (10).

Soler nos diz, parafraseando Freud, que “a sombra da morte caiu sobre o sujeito”. Este texto de Styron nos mostra o quanto isto é verdade.

Para abordar a metapsicologia da melancolia. Soler propõe a ótica da articulação entre linguagem-castração e forclusão. Sua análise, como veremos na citação abaixo, retoma a questão da negatividade e sua relação com o acesso ao simbólico, na qual a representação palavra ganha autonomia com relação à coisa, assim como a implicação desta função de negatividade com a castração:

“Deve-se partir do que Lacan enfatizou: a negatividade essencial da linguagem, que efetua o assassinato da coisa. A linguagem, que introduz a falta no real, que implica uma subtração de vida, condiciona neste sentido para todo falanteser uma virtualidade melancólica. O nome desta negativização, tal como é revelada pela neurose, é castração (...).

Diz respeito a uma mutilação de gozo, mas de uma mutilação parcial, e além disso compensada: é uma perda que reclama uma “condição de complementariedade”, que promove o objeto, precisamente em seu valor compensativo (...).

Na melancolia se observa que a instância da perda foi desencadeada e absolutizada. A inércia estuporada do melancólico é apenas o estado de um sujeito para quem já não opera a

condição de complementariedade e que cai sob a exclusiva ação da negatividade da linguagem. O elo com a forclusão é fácil de adivinhar: o que retorna no real é a castração forcluída” (11).

Alguns aspectos merecem ser ressaltados na postulação de C. Soler. O primeiro deles é a questão da perda, que se torna absolutizada na melancolia. É como se esta perda tivesse provocado um dano irreparável, sem que nenhuma ilusão compensatória pudesse vir em socorro

A perda, na sua
condição absoluta,
parece transmitir
seu atributo a tudo
na vida do
melancólico.

do melancólico. Diante da perda, ele se imobiliza, se desencanta com a vida. A perda, na sua condição de absoluta, parece transmitir seu atributo a tudo na vida do melancólico. Só há lugar ou para a perfeição absoluta, que é inatingível, ou para a imperfeição também absoluta. O melancólico não tem meio termo: ou tudo ou nada. Como o “tudo” é impossível, só lhe resta o nada. O melancólico, como diz Soler, parece ter isolado a negatividade da linguagem, desconsiderando a sua função dialética. Sua dedução a partir daí é que o que retorna do real é a castração forcluída.

Portanto, o que parece sideração diante da castração, ou a lucidez do

melancólico, seria nada mais que a tentativa de inscrever a castração que escapou da possibilidade de introjeção, conforme a metapsicologia do trauma ferencziano (12).

Procurei neste trabalho levantar algumas idéias, ligando autores de diferentes épocas e escolas, o que não torna o problema nem simples nem fácil. Será preciso entrar detalhadamente nas questões levantadas, e em outras nem citadas. Portanto, este é um esboço de um trabalho que ainda se encontra em andamento. Espero, entretanto, que as questões aqui levantadas possam gerar no leitor as mesmas inquietações e perguntas que me provocam há alguns anos.

NOTAS

- (1) Ferenczi, S. - “Análise de criança com os adultos”, in *Escritos Psicanalíticos*, Rio de Janeiro, Livraria Taurus Editora, 1987.
- (2) Pinheiro T. - “La théorie du trauma dans l’oeuvre de Sándor Ferenczi. Du concept d’introjection à la cure.” Tese de doutorado, inédita. Ver também, da mesma autora, “A teoria do trauma ferencziano” in *Revista de Psicologia & Psicanálise*, 1, Instituto de Psicologia da UFRJ, 1989.
- (3) Ferenczi, S. - “Análise de criança com os adultos” e “Confusão de línguas entre os adultos e as crianças”, in *Escritos Psicanalíticos*.
- (4) Ferenczi, S. - “Transferência e introjeção”. op. cit.
- (5) Freud, S. - “Deuil et Mélancolie” in *Métapsychologie*, Idées/Gallimard.
- (6) A citação do texto de Alice através do espelho foi utilizada por Piera Aulagnier no seu artigo “Quelqu’un a tué quelque chose”, publicado na revista *Topique* nº 35/36. A autora remete o leitor à tradução francesa de Henri Pariset. Não encontramos a mesma passagem na tradução brasileira de Sebastião Uchoa Leite.
- (7) Freud, S. - “Deuil et Mélancolie”, op. cit.
- (8) Torok, M. - “Maladie du deuil et fantasme du cadavre exquis”, in *L’écorce et le noyau*, Paris, Aubier-Flammarion, Paris, 1978.
- (9) Soler, C. - “Pérdida y culpa en la melancolia”, in *Los ensayos Estudios sobre las psicosis*, Buenos Aires, Ediciones Manantial, 1989.
- (10) Styron, W. - *Perto das trevas*, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1991.
- (11) Soler, C. - Op. Cit.
- (12) A proposta de minha tese de doutorado foi exatamente estabelecer uma metapsicologia para a teoria do trauma na obra de Ferenczi.